

PRÊMIO FUNARTE
DE ARTE CONTEMPORÂNEA
2011
Atos Visuais Funarte Brasília

isabela prado
entre rios e ruas

CURADORIA - CLARISSA DINIZ

GALERIA FAYGA OSTROWER

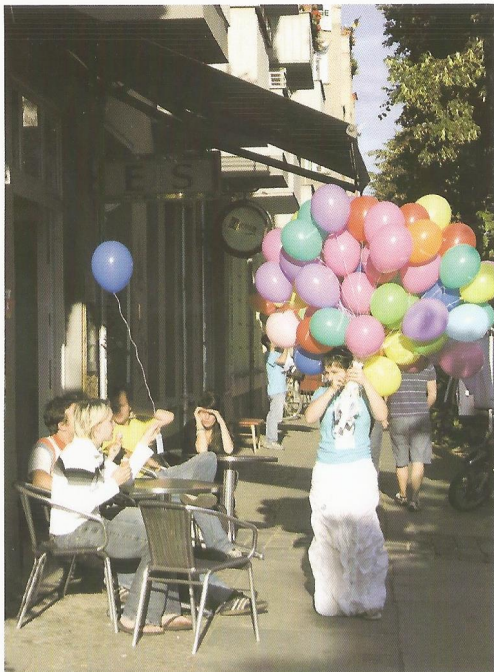
COMPLEXO CULTURAL DA FUNARTE BRASÍLIA
EIXO MONUMENTAL SETOR DE DIVULGAÇÃO CULTURAL
BRASÍLIA - DF

DE 09 DE FEVEREIRO A 11 DE MARÇO DE 2012

ESTE PROJETO FOI CONTEMPLADO PELA FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES COM O PRÊMIO FUNARTE DE ARTE
CONTEMPORÂNEA 2011 - ATOS VISUAIS FUNARTE BRASÍLIA

RIOS, RUAS, VISIBILIDADES

POR CLARISSA DINIZ



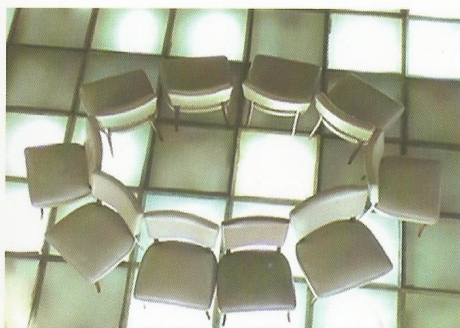
SE, EM 1920, PAUL KLEE COMPREENDIA A VISIBILIDADE SOBRETUDO COMO UMA QUESTÃO DE LINGUAGEM, INTERESSADO QUE ESTAVA EM SUAS IMPLICAÇÕES EXPRESSIONAIS – DONDE A CONHECIDA AFIRMAÇÃO DE QUE “A ARTE NÃO REPRODUZ O VISÍVEL, MAS TORNA VISÍVEL”¹ –, NO SÉCULO SEGUINTE, A VISIBILIDADE QUE PARECE PREOCUPAR PARTE SIGNIFICATIVA DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA É OUTRA: O CAMPO DAS INVISIBILIDADES SOCIAIS. INÚMEROS SÃO OS ARTISTAS QUE, EXPLORANDO A FORÇA DA ARTE NA CONSTRUÇÃO DO QUE SE VÊ, DEDICAM-SE A “TORNAR VISÍVEIS” ASPECTOS ABAFADOS DA VIDA EM SOCIEDADE, TRAZENDO-OS À LUZ AO ABORDÁ-LOS SENSÍVEL, POLÍTICA E CRITICAMENTE. HOJE – DIAS NOS QUAIS, POR EXEMPLO, A POLÍCIA MILITAR DE SÃO PAULO INVADE VIOLENTAMENTE A COMUNIDADE DE PINHEIRINHO (SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP), AGINDO ILEGALMENTE, CAUSANDO DESAPARECIMENTOS (SIC) E TORNANDO EVIDENTE A OBEDIÊNCIA DO ESTADO BRASILEIRO ÀS FORÇAS ECONÔMICAS (NESSE CASO, ESPECIALMENTE AO MERCADO IMOBILIÁRIO) –, É COM URGÊNCIA QUE A ARTE VÊ O PROBLEMA DAS INVISIBILIDADES, ENCARANDO-AS DE MANEIRAS DIVERSAS.

É NESSE SEIO DE PREMÊNCIAS QUE PODEMOS SITUAR A OBRA RECENTE DE ISABELA PRADO. SENSÍVEL ÀS RELAÇÕES DE ALTERIDADE – COMO NA INSTALAÇÃO SEM TÍTULO DE ARMÁRIOS DE BANHEIRO (2004), AT 1,57M (2005) OU DANÇA DAS CADEIRAS (2008) –, A ARTISTA TEM EXPANDIDO O TERRITÓRIO DE SUAS OBRAS PARA TRATAR MAIS SISTEMICAMENTE A QUESTÃO: EM SEUS ÚLTIMOS TRABALHOS, UM OLHAR ATENTO AO ESPAÇO, UMA PREOCUPAÇÃO COM A DIMENSÃO AMBIENTAL DA SUBJETIVIDADE, TEM SURGIDO COM FORÇA. SEM ABRIR MÃO DO CARÁTER METAFÓRICO DA RELAÇÃO INDIVÍDUO-AMBIENTE – ELEMENTO FUNDAMENTAL, POR EXEMPLO, EM DISPLEI (2007), ONDE A SENSACÃO DE SUBMERSÃO É EVOCADA, DENTRO DE UMA VITRINE COMERCIAL, POR MEIO DE UM SOM DE ÁGUAS CORRENDO –, ESSES TRABALHOS TÊM ACONTECIDO NOUTRA ORDEM DE CONCRETUDE, EMINENTEMENTE MAIS PRÓXIMA DAS INSTÂNCIAS QUE ORGANIZAM E DÃO SENTIDO À VIDA SOCIAL, COMO A CIDADE. ASSIM É QUE, POR EXEMPLO, AS QUESTÕES – EMOCIONAIS E ECOLÓGICAS – INDICADAS EM DISPLEI ADQUIREM CONTORNOS MAIS EVIDENTES, NUMA PAUTA CRÍTICA QUE SE ESTENDE DO URBANISMO À PEDAGOGIA.

NO CONJUNTO DE TRABALHOS ORGANIZADO SOB O TÍTULO ENTRE RIOS E RUAS, A ARTISTA PARTE DE BELO HORIZONTE PARA PENSAR AS RELAÇÕES ENTRE CIDADE, MEIO AMBIENTE E INDIVÍDUO. INICIADO EM 2006 – E COMPOSTO POR DESENHOS, FOTOGRAFIAS, VÍDEOS, INSTALAÇÕES, OBJETOS E PERFORMANCES –, O CONJUNTO TOMA CRITICAMENTE AS “SOLUÇÕES” DA HISTÓRIA URBANÍSTICA DA CAPITAL MINEIRA, PLANEJADA NO FINAL DO SÉCULO XIX. DE SUA FORMA DE ORGANIZAÇÃO, ISABELA ELEGE UM PONTO NEVRÁLGICO: A ADAPTAÇÃO E A CANALIZAÇÃO DA BACIA HIDROGRÁFICA DA REGIÃO, CUJAS ESPECIFICIDADES FORAM IGNORADAS E, ASSIM, CONDICIONADAS AO TRAÇADO GEOMÉTRICO E ORTOGONAL DAS RUAS BELORIZONTINAS, ESTRUTURADORAS DE UMA MALHA VIÁRIA QUADRICULADA QUE OCUPA O ESPAÇO URBANO CIRCUNSCRITO PELA ÁV. DO CONTOURNO.

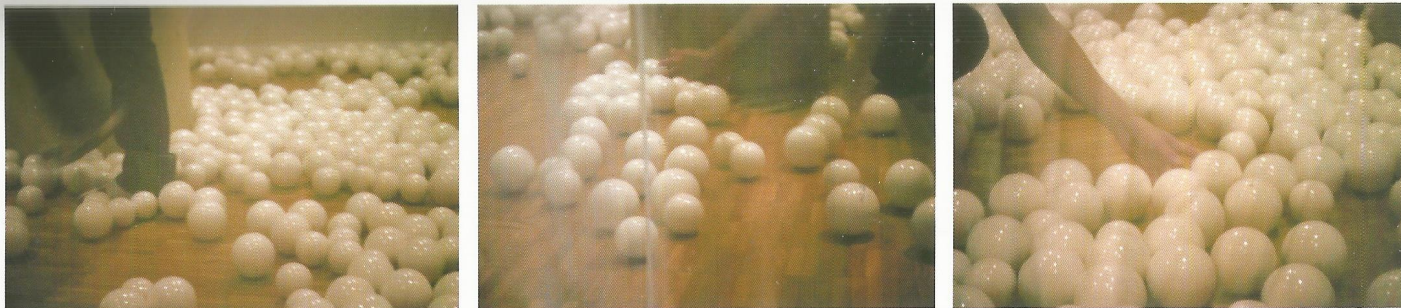
A ÁREA GEOGRÁFICA ONDE SE CONSTRUIU BELO HORIZONTE É ATRAVESSADA POR INÚMEROS RIOS E CÓRREGOS DA BACIA DO RIO DAS VELHAS, AFLUENTE DO RIO SÃO FRANCISCO. TRAJETOS COMO O DO RIBEIRÃO ARRUDAS E SEUS AFLUENTES, NÃO HAVENDO SIDO UTILIZADOS COMO REFERÊNCIAS PARA O TRAÇADO URBANO DA CAPITAL, FORAM AO LONGO DO TEMPO CANALIZADOS A CÉU ABERTO E, POSTERIORMENTE, COM A AMPLIAÇÃO DA MALHA VIÁRIA, COBERTOS POR RUAS E AVENIDAS. ESSE PROCESSO DE DESRESPEITO AOS LEITOS DOS RIOS TEM AINDA CONTINUIDADE NO SÉCULO XXI, A EXEMPLO DA RECENTE COBERTURA DE UM TRECHO DO RIBEIRÃO ARRUDAS EM FUNÇÃO DA CONSTRUÇÃO DA CHAMADA LINHA VERDE, VIA DE RÁPIDO ACESSO AO AEROPORTO INTERNACIONAL DE CONFINS. ASSIM, O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE BELO HORIZONTE EVIDENCIA A LÓGICA AUTORITÁRIA DE CERTA CONCEPÇÃO CIVILIZATÓRIA QUE ATUA NUMA RELAÇÃO DE DOMÍNIO DA NATUREZA, SUBJUGANDO ESPECIFICIDADES AMBIENTAIS A PROJETOS RACIONALISTAS QUE SE MOSTRAM, PELA RELAÇÃO POUCO POROSA ENTRE AMBIENTE E CIDADE, EVIDENTEMENTE ANTIECOLÓGICOS.

A DESPEITO DAS TENTATIVAS DE ABAFAMENTO DOS RIOS DA REGIÃO, ISABELA PRADO PERCEBEU QUE, ATRAVÉS DAS PAREDES DE SUA CASA, ELAS CONTINUAVAM A SE FAZER PRESENTES. OBSERVANDO O COMPORTAMENTO DA CIDADE EM RESPOSTA À CONDIÇÃO DOS RIOS, A ARTISTA PASSOU A – DESDE 2007 – ACOMPANHAR FOTOGRAFICAMENTE O AFLORAMENTO DA UMIDADE DAS ÁGUAS CANALIZADAS, MANIFESTA EM FORMA DE MOFO NAS CASAS SITUADAS SOBRE OS RIBEIRÕES ENCOBERTOS. O TESTEMUNHO COTIDIANO DA ÁGUA QUE DESOBEDECE A TENTATIVA DE CONTÊ-LA SERÁ O PASSO INICIAL DA ARTISTA DIANTE DESSA QUESTÃO, CONSTATAÇÃO DE UMA CONDIÇÃO URBANA E SOCIAL QUE É PERCEBIDA NA RELAÇÃO ENTRE CORPO, CASA E CIDADE. SURGE, ENTÃO, A SÉRIE DE IMAGENS QUE DÁ ORIGEM AO VÍDEO MAPA MOFO (2007-2012), NAS QUAIS O DESENHO ÚMIDO QUE VAI SE INSINUANDO DIARIAMENTE É ENQUADRADO, FORMANDO ESPÉCIES DE MANCHAS CARTOGRÁFICAS. LENTAMENTE, NO VÍDEO PROJETADO SOBRE CANTOS DE ESPAÇOS INTERNOS, OS MAPAS FORMADOS PELO BOLOR CONDUZEM UNS AOS OUTROS, PAULATINAMENTE ALTERANDO E EXPANDINDO, FRONTEIRAS. O BRANCO GANHA TONS OCRES, O PLANO ADQUIRE VOLUME: O RIO SE INSINUA POR ENTRE TIJOLOS E MASSA CORRIDA, COMO SE DESENHASSE SEU PRÓPRIO PERCURSO.



DANÇA DAS CADEIRAS - 2008

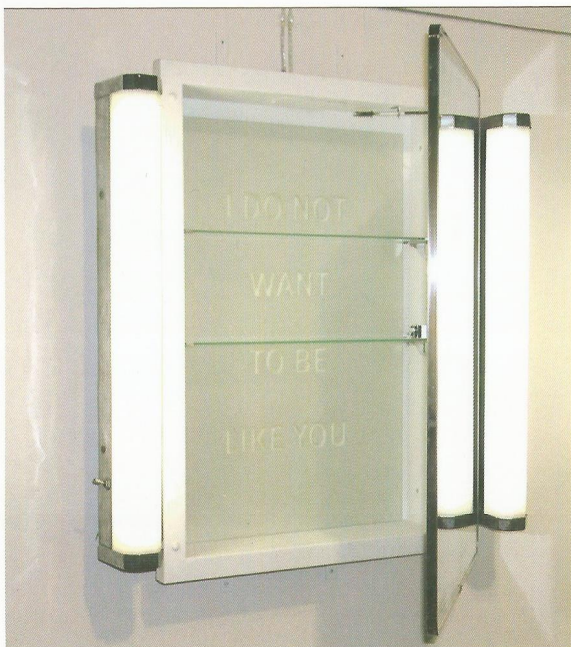
COM FORMAÇÃO EM GRAVURA, A ARTISTA LOGO TRANSFORMA OS DESENHOS CRIADOS PELO MOFO EM PONTO DE PARTIDA PARA A SÉRIE DE DESENHOS MONTANTE/JUSANTE (2010-2012). SOBRE O BRANCO DE UMA LARGA FOLHA DE PAPEL, A ARTISTA SOBREPÕE E ARTICULA, A PARTIR DE MATRIZES CARTOGRÁFICAS, TRECHOS OU LEITOS DE RIOS INTEIROS. O TRABALHO CUIDADOSO DE COSTURAR GRAFICAMENTE ESSAS GEOGRAFIAS HÍDRICAS CONFORMARÁ PAISAGENS E HORIZONTES SITUADOS A MEIO CAMINHO ENTRE ÁGUA E TERRA: PARTINDO DOS CAMINHOS DA BACIA ENCOBERTA QUE IRRIGA BELO HORIZONTE, ISABELA PRADO COMPÕE DESENHOS QUE ALudem ÀQUILO QUE CERCA A CIDADE, IMPREGNANDO A VISTA – AS MONTANHAS. SUTILMENTE, A ARTISTA FAZ CONVIVER O INVISÍVEL E A VISIBILIDADE MÁXIMA.



ENTRE - 2006

O CORTE ABRUPTO DA ECONOMIA DO MINÉRIO SOBRE OS VALES QUE CERCAM BELO HORIZONTE, ASSIM COMO OS ÂNGULOS RETOS QUE ARTIFICIALMENTE PASSAM A ENCAMINHAR OS RIOS DO PERÍMETRO URBANO DA AV. DO CONTORNO, GANHAM ESPAÇO EM PARTE DESSES TRABALHOS, DESDOBRANDO-SE EM UMA SÉRIE DE DESENHOS EM BAIXO-RELEVO. O ESFORÇO DA CANALIZAÇÃO É SILENCIOSAMENTE REENCENADO PELA ARTISTA AO GRAVAR, SOBRE PLACAS DE DRY WALL, A MALHA ORTOGONAL QUE DOMESTICA A ORGANICIDADE DAS ÁGUAS DA CAPITAL MINEIRA: NO TRAÇADO QUE AFUNDA A SUPERFÍCIE, ISABELA TRAZ À VISTA OS RIOS QUE, SUBMERSOS AO LONGO DA CIDADE, APENAS SE DEIXAM ENTREVER POR ENTRE AS GRADES DOS BUEIROS E AREJADORES, SENDO ESCUTADOS AO LONGE COMO UMA RESPIRAÇÃO CONSTANTE QUE VAZA DE MAIS ABAIXO DO ASFALTO URBANO.

S/ TÍTULO - 2004



PARALELAMENTE À VISIBILIDADE DADA AO DESENHO NÃO VISTO DOS RIOS ENCOBERTOS, ISABELA CONCEDERÁ AO SOM DA CORRENTEZA ENCANADA UM PAPEL IMPORTANTE EM SEU TRABALHO. ALÉM DE CAPTURAR OS RUÍDOS – QUE SERVEM DE FUNDO PARA REPAISAGEM (2010) –, A EXPERIÊNCIA DE UM SOM QUE TAMBÉM SE INVISIBILIZA FACE À BARULHEIRA URBANA INSPIRARÁ AS PERFORMANCES ENVOLVIDAS EM LIÇÃO: NESSA RUA TEM UM RIO (2011-12), OBRA EM PROCESSO. NELAS, ENTRE O LIRISMO E A ESQUIZOFRENIA, A ARTISTA RECEBE, EM MEIO AO CAOS URBANO, AULAS DE VIOLINO. DISCRETAMENTE, SOBRE ALGUM DOS PONTOS DE RIOS ENCOBERTOS DE BELO HORIZONTE, ISABELA PRADO APRENDE A MANEJAR O INSTRUMENTO E A ADAPTAR SEU CORPO PARA TOCÁ-LO. CLASSICAMENTE, TEM SEUS PÉS, PERNAS, OMBROS, TÓRAX, COLUNA, BRAÇOS, MÃOS, PESCOÇO E ROSTO ADESTRADOS PELO INSTRUMENTO E PELO ENSINO, CONFORMADOS PARA ALCANÇAR OS PRIMEIROS SONS QUE, APÓS A REALIZAÇÃO DE TODAS AS LIÇÕES NECESSÁRIAS, COMPORÃO A CANÇÃO SE ESSA RUA FOSSE MINHA. REPETITIVAMENTE, A ARTISTA ENCENA UM PERCURSO QUE NÃO SE CONCLUI, PRÓPRIO À APRENDIZAGEM, ASSIM COMO AOS RIOS. O ESFORÇO DE DOMINAR UM INSTRUMENTO DIFÍCIL, O ESFORÇO DE RESISTIR A DESPEITO DAS DIFICULDADES, SÃO METÁFORA DA CONDIÇÃO DOS RIOS QUE CORREM POR BAIXO DOS PÉS DOS PASSANTES, SILENCIOSAMENTE. EM VOLUME BAIXO, NO SOM SUAVE DO VIOLINO, SÃO OS RIOS QUE GANHAM VOZ.

AS AÇÕES TÊM SE DESENVOLVENDO SOBRE DIFERENTES TRECHOS CANALIZADOS E/OU ENCOBERTOS DOS RIOS, DEMARCANDO UM MAPA TÃO FÍSICO QUANTO IMAGINÁRIO, COMPOSTO ESPECIALMENTE PELA INTERAÇÃO E REVERBERAÇÃO DAQUELES QUE ASSISTEM ÀS AULAS QUE, MESMO QUE PÚBLICAS, SÃO DESTINADAS UNICAMENTE À ARTISTA. RECOLOCANDO A AMBÍGUA SITUAÇÃO PÚBLICA E ÍNTIMA QUE SE DÁ NAS PERFORMANCES-AULAS, AS AÇÕES TERMINAM POR CHAMAR ATENÇÃO PARA O RIO QUE PASSA POR ALI ÀS ESCONDIDAS, SENSIBILIZANDO O CORPO CIDADÃO – HABITUADO À INVISIBILIDADE PÚBLICA DAS ÁGUAS LOCAIS – PARA O QUE SE PASSA NA INTIMIDADE DA ORGANIZAÇÃO URBANÍSTICA DE BELO HORIZONTE. O PODER CIVILIZATÓRIO SOBRE O MEIO AMBIENTE, ASSIM COMO O EMPODERAMENTO CIVIL DIANTE DAS POLÍTICAS DO AVANÇO URBANÍSTICO, SÃO IGUALMENTE ALUDIDOS PELA LETRA DA CANÇÃO – “SE ESSA RUA FOSSE MINHA, EU MANDAVA...” – , ATIVANDO UMA DIMENSÃO PARTICIPATIVA DA VIDA SOCIAL QUE, DE OUTRA MANEIRA, É TAMBÉM PROTAGONISTA DA INSTALAÇÃO REPAISAGEM.

NESSA, A EXPERIÊNCIA – VIVENCIADA PELO PROJETO URBANÍSTICO DA CAPITAL MINEIRA – DE RECONSTRUIR A PAISAGEM HIDROGRÁFICA É TRANSFORMADA POETICAMENTE. AO SOM DOS RIOS ENCANADOS, A INSTALAÇÃO É COMPOSTA POR MALHAS MAGNÉTICAS AZUIS QUE REPRODUZEM OS DESENHOS DE TRECHOS DE CÔRREGOS AINDA EM LEITO NATURAL DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE, PODENDO SER MONTADAS E ARTICULADAS LIVREMENTE PELO PÚBLICO NUM QUADRO METÁLICO. ASSIM, REPAISAGEM EXPLORA O CARÁTER PARTICIPATIVO DE OBRAS ANTERIORES DE ISABELA PRADO – COMO WIND CATCHER (2007), ESTRANGEIRO (2006) OU ENTRE (2006) – NUMA CHAVE QUE METAFORICAMENTE RESTAURA A POTÊNCIA CRIATIVA DO INDIVÍDUO DIANTE DE UM MUNDO E UMA SOCIEDADE QUE SE FAZEM PASSAR POR DADOS A PRIORI.



WIND CATCHER - 2007

EM REPAISAGEM COMO, DE MODO MAIS AMPLO, NO CONJUNTO DE TRABALHOS DO PROJETO ENTRE RIOS E RUAS, A METÁFORA, A EXPERIÊNCIA ESPACIAL E A POTÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO SE UNEM À VOCAÇÃO POLÍTICA DA ARTE EM SUA CAPACIDADE DE INTERVENÇÃO SOBRE SITUAÇÕES ESPECÍFICAS, EXERCÍCIO QUE PARECE RETOMAR SUA FORÇA NOS DIAS ATUAIS, EXPERIMENTANDO FRENTES DIVERSAS DE ATUAÇÃO. A OBRA DE ISABELA PRADO É UM ESPAÇO EM QUE ESSAS EXPERIÊNCIAS SE DÃO SUTIL E POETICAMENTE, COMO EVIDENCIA JOIA (2010), BROCHE DE OURO NO FORMATO DO ÚNICO TRECHO EM LEITO NATURAL DO RIBEIRÃO ARRUDAS, NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE.

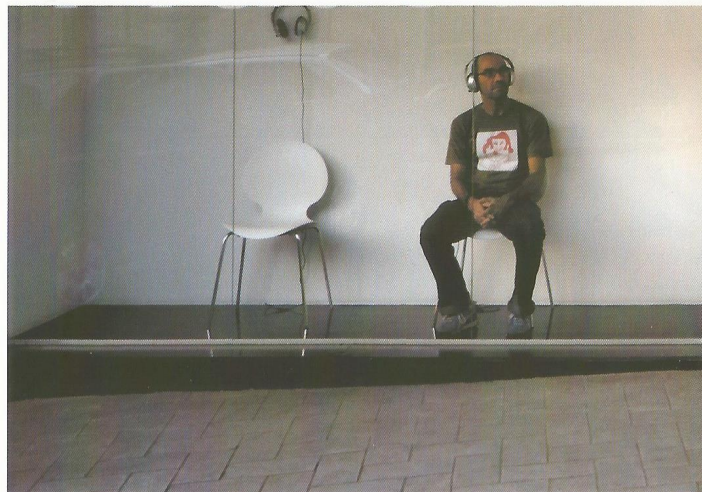
NUMA PROPORÇÃO DE 1 PARA 10.000, JOIA EVIDENCIA UMA QUESTÃO CARA À OBRA DA ARTISTA: A RELAÇÃO ENTRE CORPO E ESPAÇO, A ESCALA. SE ALGUNS MOMENTOS HISTÓRICOS DA ARTE – COMO O MINIMALISMO – EXPLORARAM AS MEDIDAS ESTOURADAS COMO FORMA DE UMA EXPERIÊNCIA SENSÍVEL RADICAL, CALCADA NUMA PEQUENEZ DO INDIVÍDUO OU NUMA CONCEPÇÃO DE ÊXTASE FACE AO “SUBLIME” (TANTAS VEZES MANIFESTO COMO “GIGANTE” OU “ABSURDO”), O COMPROMISSO POLÍTICO DA OBRA DE ISABELA CAMINHA NESTA CONTRAMÃO. TRATANDO DE CERTO EMPODERAMENTO DA PARTICIPAÇÃO CÍVICA FACE ÀS INSTÂNCIAS DE ORGANIZAÇÃO DA VIDA URBANA E, SOBRETUDO, DA RELAÇÃO CRIATIVA DA SUBJETIVIDADE DIANTE DOS MAIS DIVERSOS CONTEXTOS SOCIAIS E CULTURAIS, É NO SENTIDO DE POTENCIALIZAR O INDIVÍDUO QUE AGE A ESCALA DAS OBRAS DA ARTISTA. SUAS OBRAS ESTARÃO, ASSIM, QUASE SEMPRE POSTAS NUMA ESCALA HUMANA, COMO JÁ ANUNCIADO NA INSTALAÇÃO AT 1,57M, POR MEIO DA QUAL ISABELA PRADO OFERECE AO OUTRO A POSSIBILIDADE DE VIVENCIAR O ESPAÇO A PARTIR DA PERSPECTIVA DA ALTURA DE SEU CORPO.

NÃO SOMENTE OS TRABALHOS DE ISABELA NÃO SE ALIENAM DO ALCANCE DOS GESTOS E DA AÇÃO DOS CORPOS DO OUTROS, COMO, MAIS ADIANTE, OS CONVOCAM INCLUSIVE FÍSICAMENTE – DIMENSÃO QUE PODE SE DAR NOS TERMOS DE UMA “PARTICIPAÇÃO DO ESPECTADOR” (A EXEMPLO DE REPAISAGEM) E/OU COMO EXPERIÊNCIA ESPACIAL, DONDE A IMPORTÂNCIA DA ESCALA NA CONCEPÇÃO E MONTAGEM DE SUAS OBRAS.

A DESPEITO DE TRATAR DE QUESTÕES CONCRETAS COM FORMAS DE ABORDAGEM RAZOAVELMENTE OBJETIVAS – FAZENDO USO DE MAPAS, DADOS, AÇÕES IN LOCO, CAPTAÇÃO DE SONS –, A ARTISTA NÃO ESCOLHE O CARÁTER DOCUMENTAL OU ATIVISTA COMO ESTRATÉGIA PRINCIPAL DIANTE DE SUAS PREOCUPAÇÕES SOCIAIS, URBANÍSTICAS E ECOLÓGICAS, PREFERINDO EXPLORAR MORMENTE NOSSA PERCEPÇÃO DO REAL, AGINDO PORTANTO NO CAMPO DA SUBJETIVIDADE, NAS RELAÇÕES QUE OS INDIVÍDUOS TRAVAM COM SEUS CONTEXTOS. SUA ESCOLHA É, PORTANTO, A DE ATUAR NO CAMPO DA PERCEPÇÃO DESSE REAL.

SE UMA DAS CARACTERÍSTICAS QUE PODEM SER ATRIBUÍDAS À ARTE CONTEMPORÂNEA É SUA DISCORDÂNCIA DO PROJETO AUTÔNOMO DA ARTE MODERNA, A RELAÇÃO CONTEXTUAL SURGE, NESSE PANORAMA DE ESCOLHAS, COMO PILAR DE UM PENSAMENTO ESTÉTICO QUE NÃO SE QUER INDIFERENTE OU INDEPENDENTE DO OUTRO OU DO REAL. UMA “CONSCIÊNCIA CONTEXTUAL” TEM SIDO, ASSIM, PILAR DE TODA UMA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DEDICADA A CRIAR OUTRAS VINCULAÇÕES ENTRE ARTE E MUNDO, REPOSICIONANDO, NESSA RELAÇÃO, AS MAIS DIVERSAS POLÍTICAS DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE. ENTRE RIOS E RUAS INTEGRA ESSE ESFORÇO.

I - KLEE, PAUL. CRIATIVE CREDO, 1920.



DISPLEI - 2007

AT 1,57 M - 2005



CURADORIA E TEXTO : CLARISSA DINIZ

PRODUÇÃO: ISABELA PRADO, GUILHERME MACHADO

PROJETO GRAFICO: GUILHERME MACHADO

REVISÃO E TRADUÇÃO: GILBERTO LIBÂNIO

FOTOS : ANTÔNIO VALLADARES, EDUARDO ECKENFELS, FERNANDO ANCIL, ISABELA PRADO E YANA TAMAYO.

CATÁLOGO IMPRESSO EM MARÇO DE 2012, COM TIRAGEM DE 1.000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - PROIBIDA A VENDA

PARTE DOS TRABALHOS DESTA EXPOSIÇÃO FOI PRODUZIDA DURANTE
RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NO JA.CÁ - JARDIM CANADÁ CENTRO DE ARTE

AGRADECIMENTOS: EQUIPE DA FUNARTE- DF, ANA CARVALHO, ANTÔNIO VALLADARES, CLARISSA DINIZ, FERNANDO ANCIL, GILBERTO LIBÂNIO, KARINA DIAS, MARCOS NUNES, NATASHA ALBUQUERQUE, PAULO THOMAZ E YANA TAMAYO.

PRESIDENTA DA REPÚBLICA
DILMA VANA ROUSSEFF

MINISTRA DE ESTADO DA CULTURA
ANA DE HOLLANDA

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES

PRESIDENTE
ANTONIO GRASSI

DIRETORA EXECUTIVA
MYRIAM LEWIN

DIRETOR DO CENTRO DE ARTES VISUAIS
FRANCISCO DE ASSIS CHAVES BASTOS (XICO CHAVES)

COORDENADORA DO CENTRO DE ARTES VISUAIS
ANDRÉA LUIZA PAES

COORDENADOR DO PRÊMIO FUNARTE DE ARTE CONTEMPORÂNEA 2011/BRASÍLIA
IVAN PASCARELLI

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO
CAMILLA PEREIRA

COORDENADORA DE DIFUSÃO CULTURAL DA FUNARTE EM BRASÍLIA
DÉBORA AQUINO

TÉCNICA EM ARTES VISUAIS
IARA MARTORELLI

